

DESCRIÇÃO DO FALAR EVANGÉLICO DO RIO DE JANEIRO

Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)
natanielgomes@uol.com.br

Conforme Burke (1997) a maioria dos estudos sobre a língua de classe são bidimensionais, falhando ou na abordagem histórica ou na dimensão social. Mas é impossível fazer um bom trabalho do que seria a sociolinguística, sem prestar atenção à história social, já que ela é cheia de solidariedades e conflitos, continuidades e mudanças.

Sabemos que o jargão está relacionado ao ouvido do receptor e à língua do emissor. Portanto, podemos observar que palavras que eram consideradas jargão, com o tempo foram incorporadas ao uso corrente, tornando-se, algumas, indispensáveis.

Nosso estudo está ligado ao uso dos jargões pelos evangélicos no Rio de Janeiro. Os evangélicos representam o segmento religioso que mais cresce no Brasil. O ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) sugere que o número de evangélicos gira em torno de 13 % da população, chegando a 20% em alguns estados, como o Rio de Janeiro. Para os pessimistas o percentual nacional seria de 11 % e para os otimistas 22 %.

De qualquer forma, o crescimento é bem alto. Temos evangélicos em todas as classes sociais: gente famosa, gente desconhecida, cantores, médicos, professores, estudantes, políticos, motoristas, ambulantes, cientistas. Segundo Freston (1994), já tivemos até mesmo um presidente evangélico: Ernesto Geisel.

É curioso notar que eles baseiam boa parte do discurso num livro que terminou de ser escrito a cerca de 2000 anos, a Bíblia, num ambiente bem diferente do nosso, em países diferentes do nosso, e com muitos símbolos e metáforas. Isso tudo vai ajudar a formar a identidade linguística do grupo.